



David Roberts, CEO da GEDI, durante abertura da Conseguro 2025 (Foto: Marcelo Machado de Melo/Heusi Action)

Durante séculos, os cavalos foram essenciais para o transporte humano. Eram companheiros fiéis, insubstituíveis – até o dia em que o carro a combustão chegou. No início, conviveram lado a lado. Mas em pouco tempo, os cavalos desapareceram das ruas. Só sobraram os carros.

Foi com essa metáfora poderosa que David Roberts, fundador da Global Inspiration Goals, iniciou à sua apresentação na abertura da Conseguro 2025, realizada em São Paulo pela Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), nesta terça-feira (27). O recado era claro: as inovações disruptivas não pedem licença – elas chegam, e quando chegam, transformam tudo. Nas palavras de Roberts: “The change is coming and coming fast”.

“A estabilidade das empresas é uma ilusão”, cravou Roberts. E os dados dão razão a ele. Hoje, 89,6% das empresas que compunham a lista da Fortune 500 em 1955 já não estão mais lá. Metade das empresas do S&P 500 deve desaparecer nos próximos dez anos. Em 1920, uma empresa durava, em média, 67 anos. Hoje, sobrevive apenas 15.

Mas a ameaça não se limita às empresas: atinge indústrias inteiras. E, segundo o especialista, poucas estão tão ameaçadas quanto a de seguros. Exibindo um gráfico dividido entre viabilidade, durabilidade, volatilidade e vulnerabilidade, Roberts apontou: “Estamos no pior dos quadrantes – o da volatilidade com a vulnerabilidade”. E completou: “Estamos na indústria mais vulnerável, no país mais vulnerável do mundo”.

É uma visão alarmante, mas que ganha contornos ainda mais dramáticos quando se considera o ritmo das mudanças. A curva de transformação tecnológica já não é linear, é exponencial – o que significa que as mudanças estão acelerando de forma que a mente humana mal consegue acompanhar.

Roberts trouxe à tona um desfile de tecnologias que parecem saídas de um roteiro de ficção científica e que estão em desenvolvimento avançado: robôs com corpos humanoides capazes de substituir atividades arriscadas e operar sem descanso; vacinas contra o câncer de pulmão sendo testadas em sete países; edição de DNA com a mesma facilidade com que hoje editamos um texto no Word.

E há mais: a inteligência artificial avança em velocidade impressionante. O ChatGPT-4.5, afirmou ele, já supera o desempenho de pessoas com doutorado em algumas tarefas. Em breve, as IAs farão descobertas científicas por conta própria. E se hoje conseguimos aumentar a longevidade, amanhã talvez possamos interromper o envelhecimento. Já há experimentos bem-sucedidos com ratos.

A capa da revista Time não deixa dúvidas sobre o que está por vir: “2045 – o ano em que os humanos podem se tornar imortais”. No entanto, ele pondera que o progresso não vem sem sombras. A tecnologia também tem seu lado obscuro – e urgente. A emissão de carbono aumentou dramaticamente nas últimas décadas e os gases de efeito estufa permanecerão na atmosfera por séculos. A cada minuto, a humanidade gera mais calor que cem bombas de Hiroshima. O resultado? Catástrofes ambientais mais intensas e frequentes.

Esse novo mundo exige novas formas de proteção – e o setor de seguros precisa se reinventar para fazer frente aos riscos que se avolumam. Se há um lado positivo, é que a própria inteligência artificial pode ser a chave para essa transformação. “O uso da IA pode beneficiar o setor de seguros, ajudando a prever as mudanças – que serão muitas”, alertou Roberts.

Ao final da apresentação, ficou uma certeza: o futuro não será como o passado. E ignorar essa realidade pode ser tão ingênuo quanto apostar nos cavalos em pleno século XXI.

Fonte: [CNseg](#), em 27.05.2025.